





F r a n c i s c o R i b e i r o d a S i l v a

Com o número 21 da «Douro. Estudos & Documentos» encerrou-se um ciclo da vida da Revista, ciclo que se iniciou com o nº 1 aparecido nas bancas no ano de 1996. De facto, esse número foi o último em que a Revista saiu sob os auspícios da parceria tripartida em que até aqui assentara: Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (até 2003 Instituto do Vinho do Porto), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Universidade do Porto. Era um dos raros projectos em que, nas áreas específicas das Humanidades, a tão apregoada conveniência e necessidade da colaboração entre o mundo empresarial e as Universidades se vinha conseguindo com os resultados que se podem avaliar nas páginas dos seus múltiplos números.

Infelizmente as alegadas dificuldades orçamentais do tempo presente levaram a que as duas Universidades denunciasses o protocolo que em 1994 havia sido celebrado entre as três instituições. Felizmente o IVDP continuou a entender que o trabalho dos investigadores da história do Vinho do Porto e da viticultura duriense (de que a Revista é veículo e expressão) é útil e cumpre os objectivos que levaram este Organismo a apoiá-la e ao GEHVID.

Por isso, a Revista prossegue o seu caminho com este número 22, com as consequentes e inevitáveis alterações na Direcção e na Propriedade bem como na periodicidade que passará a ser anual. Desde já aqui fica a homenagem sentida ao IVDP e a promessa de que a viticultura duriense e o vinho do Porto continuarão a ter lugar prioritário nas suas páginas.

Olhando para o seu conteúdo, justifica-se plenamente que neste número o Coordenador Científico do GEHVID apresente um balanço global do que foram as actividades visíveis e mensuráveis do Grupo ao longo dos últimos 15 anos. Quantos grupos poderão apresentar tão abundante produção? E se nos restringirmos à produção científica dos últimos três anos expressa nas diversas publicações, aos apoios a teses de mestrado e

doutoramento, à realização de eventos científicos, achamos que é enorme o trabalho produzido.

De vez em quando, para além da avaliação técnica a que são sujeitos por exigência legítima das Entidades que os subsidiam e talvez até a contrapor a essa avaliação, é importante que os grupos de investigadores se mostrem à comunidade científica em geral, exibindo o inventário das suas realizações. Não se trata de uma autoavaliação narcísica. Mas sim de um prestar de contas aos seus pares da comunidade científica dos seus pares e a quem quiser saber o que realmente o Grupo, que não é muito numeroso, tem andado a fazer. O «relatório» do Coordenador Científico é elucidativo.

Quanto ao mais, como sempre, o Douro é o protagonista destas páginas. O Douro, terra de vinho, que por ele acolheu gentes de outras paragens, mas também berço de homens e mulheres que conseguem enfrentar com coragem as adversidades da natureza, das conjunturas e às vezes dos decisores políticos, terra de gentes que se revoltam contra as injustiças, que sabem bem distinguir entre os que querem promover o Douro e os que dele se foram aproveitando. Douro que é também cultura, tradição, património, paisagem, religiosidade. E que também é Rio de águas revoltas, que as barragens foram amansando, Rio que é estrada e lugar de sonhos.

O vinho continua elemento central da Revista. Vinho do Douro, mas também de outros territórios. Vinho que se bebe, que é factor de educação de gostos, que inspira artistas, que é uma mercadoria a qual, como todas as outras, se compra e vende. E que foi elemento dinamizador na economia portuguesa do passado.

Cumpra sublinhar ainda que neste volume se começa a dar corpo a um desafio que nos propusemos aquando do lançamento do número anterior: que as Quintas, na sua realidade empresarial, social e de património, tenham um lugar nas páginas da Revista. Desta vez é a Quinta da Casa Amarela e o seu projecto familiar de enoturismo. No próximo, outra será contemplada. O mesmo se poderá dizer acerca das empresas.

Não devemos deixar de enfatizar a importância que a história oral vem adquirindo nas páginas da Revista. Através das entrevistas, damos voz ao *homo duriensis* comum que está no terreno, que conhece e vive por dentro os problemas e as crises, que guarda as memórias do passado. Para além da sua valia como testemunho do presente, as entrevistas conferem à Revista um valor acrescentado uma vez que a convertem num repositório de memórias locais e, como tal, no futuro, constituirão fontes preciosas, provavelmente únicas, para a História do Douro.

Finalmente, este número cumpre as habituais exigências de interdisciplinaridade, de internacionalidade, de intercâmbio universitário.

Por isso, mais uma vez, assinamos com gosto este Editorial, com a consciência de que o Grupo tem prestado e quer continuar a prestar um serviço meritório à comunidade em geral e às Universidades e Institutos Superiores a que pertencemos.